

**TARTARUGAS
ATÉ LA
EMBAIXO**

*Autor de
A culpa
é das
estrelas*

**JOHN
GREEN**

TARTARUGAS ATÉ LÁ EMBAIXO

“JOHN GREEN *acerta*
ao abordar **QUESTIONAMENTOS**
filosóficos de uma forma
descompromissada.”

THE INDEPENDENT

“John Green tem o tipo de
TALENTO que faz você
chegar à última página do livro
como uma pessoa
completamente diferente.”

THE GUARDIAN

**“GREEN É UM MESTRE
DAS PALAVRAS.”**

KIRKUS REVIEWS

“A prosa de Green é
IMPRESSIONANTE —
de gírias a filosofias
complexas e observações
verdadeiras e devastadoras.”

SCHOOL LIBRARY JOURNAL

“O ESTILO DE GREEN é
esplêndido, uma voz que combina
PERFEITAMENTE com sua obra.”

BOOKLIST

TARTARUGAS ATÉ LA EMBAIXO

JOHN GREEN

Tradução de Ana Rodrigues



Copyright © 2017 by John Green
This edition published by arrangement with Dutton Books, a division of
Penguin Young Readers Group, a member of Penguin Group (USA) LLC, a
Penguin Random House Company.

TÍTULO ORIGINAL
Turtles All the Way Down

REVISÃO
Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING
Antonio Rhoden | ô de casa

ARTE DE CAPA
Rodrigo Corral

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2017 by Sharon Bong e Cheryl Morris
Imagem criada por Sharon Bong, com base na arte original de
Cheryl Morris

Citações retiradas de: *Ulysses*, James Joyce (Penguin Companhia, 2012);
Poemas, W. B. Yeats (Art Editora, 1987); *Jane Eyre*, Charlotte Brontë
(BestBolso, 2011), *O apanhador no campo de centeio*, J. D. Salinger (Editora do
Autor, 2014); poema de Edna St. Vincent Millay retirado de *Histórias reunidas:
uma peça*, Donald Margulies (UFPE, 2008); *Não sou ninguém: poemas*, Emily
Dickinson (Unicamp, 2016); *A tempestade* (L&PM Pocket, 2013) e *Hamlet*
(Universo dos Livros, 2017), William Shakespeare.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83t
Green, John, 1977-

Tartarugas até lá embaixo / John Green ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
272 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Turtles all the way down
ISBN 978-85-510-0200-1

1. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

17-44222

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Henry e Alice

“O homem pode fazer o que quer,
mas não pode querer o que quer.”

— ARTHUR SCHOPENHAUER

UM

Quando me dei conta pela primeira vez de que eu talvez fosse fictícia, meus dias úteis eram passados numa escola na região norte da cidade de Indianápolis, chamada White River High School, onde forças maiores que eu — tão maiores que eu nem saberia por onde começar a identificá-las — delimitavam meu almoço a um intervalo de tempo determinado, entre 12h37 e 13h14. Se essas forças tivessem optado por um horário diferente, ou se meus colegas de mesa que ajudaram a escrever meu destino houvessem escolhido um assunto diferente para conversar naquele dia de setembro, minha história teria tido um fim diferente — ou ao menos um meio diferente. Mas eu estava começando a entender que a vida é uma história que contam sobre nós, não uma história que escolhemos contar.

A gente finge ser o autor, claro. Não tem outro jeito. Quando as entidades superiores fazem tocar aquele sinal monótono exatamente às 12h37, você pensa: *Agora eu decido ir almoçar*, mas na verdade é o sinal que decide. A gente acha que é o pintor, mas é a tela.

Centenas de vozes gritam uma mais alta que a outra no refeitório, formando uma conversa que é um mero ruído, águas

de um rio correndo pelas pedras. Sentada sob a luz artificial que os cilindros fluorescentes jorravam sobre nós, eu pensava sobre a ilusão de sermos, cada um de nós, o herói de alguma epopeia pessoal, quando na verdade éramos basicamente organismos idênticos colonizando um vasto cômodo sem janelas que cheirava a desinfetante e fritura.

Eu estava comendo um sanduíche de manteiga de amendoim com mel e tomando um Dr Pepper. Para ser sincera, acho meio nojento todo o processo de mastigar plantas e animais e então empurrá-los esôfago abaixo. Por isso, estava tentando não pensar sobre a comida na minha boca, o que meio que já é pensar nisso.

Sentado à minha frente, Mychal Turner rabiscava num caderno de papel amarelo. Nossa mesa de almoço era como uma peça da Broadway em cartaz havia muito tempo: o elenco mudava ao longo dos anos, mas os papéis se mantinham. Mychal era O Artista. Ele estava conversando com Daisy Ramirez, que fazia o papel de Minha Melhor e Mais Destemida Amiga desde o ensino fundamental, mas o barulho no refeitório não me deixava acompanhar o papo dos dois.

O meu papel naquela peça? Eu era A Coadjuvante. A Amiga de Daisy, ou A Filha da Professora Holmes. Sempre alguma coisa de alguém.

Senti o estômago entrar em ação e, mesmo com a algazarra das conversas à minha volta, *ouvi* quando meu sanduíche começou a ser digerido, todas as bactérias mastigando a pasta de amendoim — os alunos dentro de mim, comendo no meu refeitório interior. Um calafrio percorreu meu corpo.

— Você e ele não foram para o mesmo acampamento de férias uma vez? — perguntou Daisy.

— Ele quem?

— Davis Pickett.

— Sim — respondi. — Por quê?

– Você não estava ouvindo? – perguntou Daisy.

Estou ouvindo a cacofonia do meu aparelho digestivo, pensei. É claro que eu já estava cansada de saber que meu corpo servia de anfitrião para uma enorme coleção de organismos parasitas, mas preferia não ser lembrada disso. Em termos de número de células, os seres humanos são aproximadamente cinquenta por cento microbiais, ou seja, no mínimo metade das células que compõem nosso organismo não é realmente nossa. A quantidade de micróbios que moram no meu bioma particular é mil vezes maior do que toda a população humana, e não raro tenho a impressão de *senti-los* vivendo e se reproduzindo e morrendo dentro e em cima de mim. Sequei o suor das mãos na calça e tentei desacelerar a respiração. Tudo bem que tenho problemas de ansiedade, mas não vejo nada de irracional em ficar nervosa por saber que somos uma colônia de bactérias num invólucro de pele.

– O pai dele estava prestes a ser preso por suborno ou alguma coisa assim – explicou Mychal –, mas na véspera da operação policial o cara sumiu. Estão oferecendo cem mil dólares a quem ajudar a encontrá-lo.

– E você conhece o filho dele – lembrou Daisy.

– Conhecia – corrigi.

Daisy atacou com o garfo a fatia de pizza retangular e as vagens que constituíam o almoço oferecido pelo colégio naquele dia. Toda hora ela me lançava um olhar arregalado como quem cobra: *E aí, o que me diz?* Notei que ela estava esperando que eu perguntasse alguma coisa, mas eu não conseguia identificar o quê, porque meu estômago não ficava quieto de jeito nenhum, despertando em mim a desconfiança de que talvez eu tivesse contraído uma infecção parasitária.

Fiquei ouvindo, sem prestar muita atenção, Mychal explicar a Daisy seu mais recente projeto artístico, em que ele usava o Photoshop para reunir em um só rosto a fisionomia

de cem garotos chamados Mychal, criando assim um novo Mychal, o centésimo primeiro, que seria a combinação de todos os cem. A ideia era interessante e eu queria prestar atenção, mas o refeitório estava barulhento demais, e eu não conseguia parar de imaginar se havia algum desequilíbrio na minha flora microbial.

Ruído abdominal excessivo é um sintoma incomum, porém não inédito, de infecção causada pela bactéria *Clostridium difficile*, que pode ser fatal. Peguei meu celular e procurei “microbioma humano” na Wikipédia, para reler a introdução do artigo sobre os três trilhões de micro-organismos que no momento viviam dentro de mim. Cliquei no artigo sobre a *C. diff* e desci até o trecho que informava que a maior parte das contaminações pela *C. diff* ocorre em hospitais. Rolei a tela mais um pouco, até a lista de sintomas, nenhum dos quais eu apresentava, exceto os ruídos abdominais excessivos, embora eu soubesse, por pesquisas anteriores, do caso de uma pessoa que morreu de infecção pela *C. diff* depois de procurar um hospital em Cleveland reclamando apenas de dor abdominal e febre. Lembrei a mim mesma que não estava com febre, e meu eu tratou de responder: *Você AINDA não está com febre.*

No refeitório, onde permanecia uma parte cada vez menor da minha consciência, Daisy dizia a Mychal que o projeto não deveria ser sobre pessoas chamadas Mychal, mas sobre presos inocentados recentemente. “Seria até mais fácil”, explicou ela, “já que todos os presos tiram fotos do mesmo ângulo quando são fichados. Aí o seu projeto não vai abordar só nomes, mas também etnias, classes sociais e a questão do encarceramento em massa”, e Mychal falou assim, “Você é um gênio, Daisy”, e ela respondeu, “Por que a surpresa?”, e enquanto isso eu só pensava que, se metade das células no meu corpo não pertence ao meu corpo, isso não coloca em xeque todo o conceito de *eu* como pronome singular e, mais ainda, a noção

do indivíduo como autor do próprio destino? Eu me sentia caindo, penetrando cada vez mais naquele buraco de minhoca recorrente, até me ver transportada de vez para fora da White River High School, para um lugar não sensorial que só as pessoas realmente malucas conseguem alcançar.

Desde pequena eu tenho a mania de apertar a ponta do dedo médio com a unha do polegar direito, o que me rendeu um calo esquisito bem na digital. Depois de tantos anos fazendo isso, consigo abrir um talho na pele com muita facilidade, então estou sempre com um band-aid no dedo para não infeccionar. Só que às vezes me vem o medo de que o corte *já esteja* infeccionado. Nesses momentos, concluo que preciso drená-lo, e que o único jeito de fazer isso é reabrir o corte e espremer o sangue. Depois que essa ideia surge, eu não consigo não fazer isso. Perdoação pela dupla negativa, mas é uma verdadeira situação de negação em dobro, um dilema em que negar a negação é de fato a única escapatória. Enfim: naquele momento, comecei a sentir a necessidade de forçar a unha do polegar na pele do dedo, e eu sabia que era mais ou menos inútil resistir, então escondi a mão embaixo da mesa, tirei o band-aid e cravei a unha do polegar na pele caçada do dedo médio até sentir o corte abrir.

— Holmes?

Era Daisy me chamando.

— Já estamos quase acabando de almoçar e você não falou nada sobre o meu cabelo.

Ela balançou a cabeça, exibindo as mechas tão vermelhas que eram quase rosa-pink. Ah, é. Ela tinha pintado o cabelo.

— Que ousado — foi o que consegui dizer, emergindo das profundezas.

— Não é!?! É um cabelo que anuncia: “Senhoras e senhores e também os que não se identificam como senhoras nem como senhores, Daisy Ramirez não quebra promessas, mas vai partir seu coração.”

O autoproclamado lema de Daisy era “Parta corações, mas não quebre promessas”. Ela vivia ameaçando tatuar a frase no tornozelo quando fizesse dezoito anos.

Daisy voltou a atenção para Mychal novamente, e eu, para os meus pensamentos. Podia jurar que meu estômago estava roncando mais alto. Tive ânsia de vômito. Para alguém tão avessa a fluidos corporais, eu até que vomito bastante.

— Holmes, tá tudo bem? — perguntou Daisy.

Apenas acenei que sim. Às vezes eu não entendia como Daisy gostava de mim, ou sequer me aguentava. Não entendia como *alguém* podia me aguentar. Até eu me achava irritante.

Senti o suor brotando na testa; depois que eu começava a suar, não parava mais. Suava por horas, e não só no rosto e nas axilas. Meu pescoço suava. Meus peitos suavam. Minhas pernas suavam. Talvez eu estivesse, sim, com febre.

Por baixo da mesa, enfiei o band-aid usado no bolso, peguei um novo, abri sem nem precisar olhar e só então baixei os olhos para colocá-lo no dedo. O tempo todo eu inspirava pelo nariz e expirava pela boca, do jeito que a dra. Karen Singh tinha aconselhado, sempre soltando o ar num ritmo “que faria a chama de uma vela tremer, mas não apagar”. “Imagine a chama da vela, Aza, oscilando por causa da sua respiração mas ainda acesa, sempre acesa.” Tentei seguir a técnica, mas a espiral de pensamentos continuava a rodar e rodar, afinilando mais e mais. Podia ouvir a dra. Singh me dizendo para não pegar o celular, não pesquisar as mesmas dúvidas mil vezes, mas peguei o aparelho assim mesmo e reli o artigo sobre “microbioma humano”.

A questão da espiral é que, se a seguimos, ela nunca termina. Só vai se afinilando, infinitamente.

Fechei o saco plástico com o último pedaço do meu sanduíche, me levantei da mesa e joguei numa lixeira já transbordando. Ouvi uma voz atrás de mim.

– Devo ficar muito ou pouco preocupada por você não ter dito mais do que duas palavras seguidas o dia todo?

– Espiral – murmurei em resposta.

Daisy me conhecia desde os seis anos, tempo suficiente para entender o que eu queria dizer.

– Imaginei. Que droga. Vamos sair hoje.

Uma garota chamada Molly passou por nós sorrindo.

– Ah, Daisy, só para avisar: o Ki-suco que você usou no cabelo manchou sua blusa.

Daisy olhou para o ombro, e, realmente, a blusa dela estava rosa em algumas partes. Ela levou um susto, mas logo se recompôs.

– Faz parte do visual, Molly – respondeu ela. – Camisa manchada é a última moda em Paris. – E, dando as costas para a garota, voltou a se dirigir a mim: – Muito bem, então a gente fica na sua casa vendo *Star Wars: Rebels*.

Daisy era uma grande fã de *Star Wars*, e não apenas dos filmes, mas também dos livros, das animações e do desenho infantil em que todos os personagens são de Lego. Tão fã que escrevia fanfics sobre a vida amorosa do Chewbacca.

– Vamos melhorar seu humor até você conseguir falar uma frase de três ou mesmo quatro palavras. Que tal?

– Legal.

– E depois você pode me levar para o trabalho. Desculpa, é que eu preciso de uma carona.

– Tudo bem.

Eu queria dizer mais, só que os pensamentos, inoportunos, indesejados, não paravam de invadir minha mente. Se eu fosse a autora da minha história, teria parado de pensar sobre o meu microbioma. Teria dito a Daisy que a ideia dela para o projeto de Mychal era incrível e teria contado que me lembrava, sim, de Davis Pickett; que me lembrava de quando eu tinha onze anos e vivia com um vago porém constante medo de tudo. Te-

ria contado que me lembrava daquela vez no acampamento, deitada ao lado dele no píer, as pernas pendendo da beirada, as costas coladas na madeira áspera, nós dois olhando para o céu limpo de verão. Teria contado que, mesmo na época, Davis e eu não conversávamos muito, sequer nos olhávamos muito, mas que isso não importava, porque estávamos observando juntos o mesmo céu, o que, para mim, talvez seja mais íntimo do que contato visual. Qualquer um pode olhar para você, mas é muito raro encontrar quem veja o mesmo mundo que o seu.

"É muito raro encontrar quem veja o mesmo mundo que o seu."

ISBN 978-85-510-0200-1



9 788551 002001

www.intrinseca.com.br